

Modernidade e Tradição no Futebol Brasileiro: O "Caso Bebeto"¹

Ronaldo Helal*

Maria Claudia Coelho**

1- Introdução

O futebol é um fenômeno capaz de produzir, de tempos em tempos, mitos e histórias representativas da comunidade, que são verdadeiros dramas sociais de extrema relevância para um entendimento das questões mais profundas de uma cultura. Do anedotário popular brasileiro envolvendo jogadores, técnicos e juizes - repleto de personagens folclóricos como Dadá Maravilha, Neném Prancha e Mário Vianna, entre tantos outros - às partidas, gols, e jogadas inesquecíveis - simultaneamente trágicas e esfuziantes -, o futebol é pródigo em momentos "bons para pensar".

Neste artigo, queremos examinar a possibilidade de se estudar a cultura brasileira e seus dilemas através do mundo do futebol, com base em um estudo de caso: o escândalo em torno da transferência de Bebeto do Flamengo para o Vasco, que ocupou as manchetes esportivas durante o mês de julho de 1989.

No universo do futebol brasileiro a questão modernidade-tradição desdobra-se em inúmeros eixos, abrangendo discussões que vão do campo (ginga, espontaneidade, improvisação e criatividade X esquemas táticos

1 - A versão original deste artigo foi escrita no princípio de 1991. Em abril do mesmo ano, publicamos no caderno Idéias/Ensaio do Jornal do Brasil um ensaio em que analisávamos a transferência de Renato Gaúcho do Flamengo para o Botafogo. À luz das mesmas questões sobre futebol e cultura brasileira que abordamos aqui.

** Do Departamento de Teoria da Comunicação. UERJ.
Do Núcleo de Sociologia do Futebol, UERJ.
Doutor em Sociologia, New York University.
Pesquisador do CNPq.
Autor de O que É Sociologia do Esporte, Editora Brasiliense, 1990.*

*** Do Departamento de Teoria da Comunicação. UERJ.
Doutora em Sociologia, JUPERJ.
Pesquisadora do CNPq.
Autora de Fama: O Individualismo e a Comunicação de Massa. (título provisório) Editora Relume-Dumará, no prelo.*

formais e calculistas) à administração dos clubes (modelo paternalista X modelo empresarial). Esta questão encontra-se embebida no dilema clássico da cultura brasileira discutido por Roberto DaMatta, qual seja, a oscilação entre um código hierárquico-tradicional e um ideal igualitário-modernizante, calcados respectivamente em duas maneiras de estar no mundo: indivíduo e pessoa.²

O indivíduo encontra seu lugar no anonimato e impessoalidade das leis, no mundo da rua e do trabalho, sendo assim, o próprio núcleo do modelo democrático de mundo já a pessoa tem seu habitat na casa e na família, constituindo-se a partir dos vínculos estabelecidos, das relações pessoais e cargos ocupados, pertencendo a um mundo hierarquizado, onde tudo e todos podem ser classificados e diferenciados. Coexistindo em planos distintos da vida brasileira, a hierarquia e a igualdade protagonizam o dilema brasileiro: a indecisão entre ser indivíduo ou pessoa, entre o ideal igualitário, **moderno**, e a realidade hierárquica, **tradicional**.

O "caso Bebeto", permeado por ambigüidades e tensões expressas no discurso de seus personagens e nos vários episódios que o compõem, parece dramatizar este dilema brasileiro entre a hierarquia e a igualdade. Profissional ou amador, jogador ou torcedor, moderno ou tradicional... o futebol nos oferece sua versão do dilema brasileiro entre ser indivíduo e ser pessoa.³

2- Antecedentes

Ao longo da década de oitenta, o Flamengo acumulou uma sucessão de títulos, o mais importante na opinião de dirigentes, fãs e jogadores, o de campeão mundial de clubes, título inédito para um clube carioca. Este time vitorioso era comandado por Zico, atleta formado pelo clube e maior ídolo de sua história. Desde

1983, o Flamengo vinha preparando Bebeto, então considerado um futuro craque, para substituir Zico quando este se aposentasse. Antes mesmo que Zico parasse de jogar, Bebeto já era um ídolo da torcida.

Em Junho de 1989, Zico anunciou que encerraria a sua carreira.⁴ No mês seguinte, Bebeto explodiu como ídolo nacional ao levar a seleção brasileira ao título da Copa América. A sua excepcional atuação coincidiu com a época da renovação do seu contrato com o Flamengo. No início das negociações, Bebeto pediu a quantia de duzentos mil dólares por um ano de contrato. O presidente do clube negou, e foi além, dizendo ao jogador que ele "não estava com bola para pedir isso tudo" (O Globo, 24/07/89 - caderno de esportes: 8)

Enquanto as negociações prosseguiram, a Copa América também, e Bebeto acumulava uma sucessão de grandes atuações, e a cada gol que marcava na seleção, aumentava sua pedida salarial no clube, até chegar aos quinhentos mil dólares.

Flamengo e Bebeto não chegaram a um acordo. O Vasco, então, começou a demonstrar interesse na contratação de Bebeto e terminou por comprá-lo, depositando na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) a quantia fixada pelo passe do jogador, segundo as normas definidas na chamada "lei do passe".⁵ No início, quando foi noticiada a intenção do Vasco, diretores e torcedores do Flamengo, desesperados, imploraram ao jogador que não assinasse com o Vasco. Ofereceram-lhe os quinhentos mil dólares, mas Bebeto, alegando "estar magoado com o Flamengo" e já ter se comprometido com o Vasco, foi irredutível.

3- O Drama: 1ª Etapa

Antes de acertar oficialmente com o Vasco, inúmeros argumentos foram levantados por Bebeto. Ele queixava-

4 Após a decisão do Campeonato Estadual de 1989 ocorrida no dia 21 de junho, Zico anunciou que não jogaria mais nenhuma partida oficial. Porém, após apelos insistentes de torcedores e dirigentes, Zico ainda disputou várias partidas do Campeonato Brasileiro daquele ano e só parou mesmo no dia 6 de fevereiro de 1990 em uma partida entre o Flamengo e uma equipe formada por jogadores de vários países.

5 Dos quinhentos mil dólares recebidos por Bebeto, o Flamengo teve que pagar trezentos mil, referentes aos 15% do valor do passe, estipulado em 2 milhões de dólares (J.B. 26/07/89, 1º caderno: 25).

2 Ver DaMatta, Roberto - Carnavais, Malandros e Heróis - Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

3 Foram analisados cuidadosamente os exemplares do Jornal do Brasil do dia 8 ao dia 30 de julho de 1989, alguns exemplares de O Globo durante esse período e mais o exemplar do Jornal do Brasil do dia 6 de novembro de 1989, um dia após o primeiro jogo de Bebeto contra o seu ex-clube.

se do descaso do Flamengo por três razões: a ofensiva declaração do presidente no início das negociações; o fato do clube ter despendido quantia próxima da que pedira para comprar outro jogador, ao invés de investir para mantê-lo; e a recusa do clube em adiantar-lhe uma elevada quantia para comprar um imóvel. Ao mesmo tempo, alegava a favor do Vasco tê-lo valorizado como o Flamengo não fizera: ter-lhe adiantado o dinheiro; precisar, como profissional, ir para onde lhe pagassem melhor pois tinha família para sustentar; ter um avô chamado "Vasco da Gama" e secretamente ser torcedor do Vasco desde criança (O Globo, 27/07/89, 1º caderno: 30).

De um lado, está a questão financeira: um profissional em busca do melhor contrato. Código moderno, capitalista, individualista. O Flamengo cobre a proposta do Vasco: um jogador ofendido, sentindo-se desprestigiado. Código pessoalizado. O adiantamento negado pelo Flamengo e dado pelo Vasco: modelo empresarial X modelo paternalista. A paixão secreta pelo Vasco: verdade ou não, código das relações pessoais e da paixão.

Esta alternância entre os dois códigos permeia todo o processo das negociações. No início, quando as negociações com o Flamengo chegam a um impasse, logo após o fim da Copa América, a ambigüidade aparece nas declarações de dirigentes e jogador. Falando sobre a proposta de Bebeto ao clube, o vice-presidente do Flamengo argumenta: "Nem o Flamengo, nem qualquer outro clube brasileiro tem condições de pagar isso". A resposta do jogador: "Eu queria ficar, aprendi a amar esse clube e, se fosse só pelo coração, permaneceria"(JB, 18/07/89, 1º caderno: 24).

A reação dos dirigentes do clube ao procurador do jogador e a defesa do jogador a este caracterizam um

duelo marcado por traços passionais: o presidente do Conselho Deliberativo classifica-o de "picareta" e ameaça proibir a sua entrada no clube (JB, 19/07/89, 1º caderno: 24), ao que o jogador sai em sua defesa afirmando que "se os dirigentes proibirem mesmo o José Moraes de ir ao clube, eu nunca mais ponho os pés no Flamengo" (JB, 21/07/89, 1º caderno: 20).

Já no discurso do procurador fica evidente a dualidade entre o interesse profissional no melhor contrato (código moderno) e os aspectos pessoais (código tradicional): "O Flamengo não foi justo com Bebeto. Ele precisou de R\$ 150 mil para um negócio e tive que emprestar a ele, porque o clube se recusou a adiantar" (JB, 26/07/89, 1º caderno: 25).

O final da transação, na iminência do Vasco fazer o depósito para a compra do passe, é novamente marcado por lances passionais: o jogador admite voltar atrás, temeroso das ameaças feitas por torcedores a ele e a sua mulher (JB, 27/07/89, 1º caderno 26). Em seguida, há a intervenção de, na época, um conhecido radialista, notório torcedor do Flamengo, que procurou mostrar ao jogador que sua vida "era o Flamengo, e que era incompreensível a troca pelo Vasco." Resultado: Bebeto, sua mãe e sua mulher choram, e esta última tenta, inclusive, convencer o diretor de futebol do Vasco a desistir do jogador (JB, 28/07/89, 1º caderno: 22).

O retrato do procurador na imprensa é um paradigma da ambigüidade entre o código profissional-racional e o amador-passional: "empresário, casado com Mônica, com cinco filhos, Moraes e sua família torcem pelo Flamengo. Mas diz que a ida de Bebeto para o Vasco faz parte de um negociação estritamente profissional, em que o jogador não pode ser prejudicado" (28/07/89, 1º caderno: 24). A O Globo o próprio procurador diz: "Sou Flamengo, lamento a

O adiantamento negado pelo Flamengo e dado pelo Vasco: modelo empresarial X modelo paternalista. A paixão secreta pelo Vasco: verdade ou não, código das relações pessoais e da paixão.

Em seguida, há a intervenção de, na época, um conhecido radialista, notório torcedor do Flamengo, que procurou mostrar ao jogador que sua vida "era o Flamengo, e que era incompreensível a troca pelo Vasco."

transação, mas também culpo a Diretoria. Não estou fazendo mais do que cumprir o que avisei" (28/07/89, 1º caderno: 24).

Como não podia deixar de ser, as reações das torcidas completam o quadro. Em jogo do Flamengo, mesmo sem estar em campo Bebeto é lembrado com uma faixa: "Chorão traidor". Também sem estar em campo, o jogador é saudado no jogo do Vasco por sua nova torcida (aquela que o apelidou de "chorão"): "Bebeto, arte e valentia", diz a faixa. Os flamenguistas chamam o presidente do clube de "burro" e o procurador José Moraes de "vampiro vascaíno"; acusam também os dirigentes de interesses financeiros escusos com uma faixa: "Emoção, sim, comissão, não" (JB, 30/07/89, 1º caderno: 36).

4- O Drama : 2ª Etapa

A apoteose do drama: o primeiro Flamengo X Vasco com Bebeto em campo do lado do Vasco. Bebeto é um jogador com fama de ser frágil emocionalmente, chorando à toa; quando jogava pelo Flamengo, os torcedores dos outros clubes - principalmente os do Vasco - o provocavam, chamando-o de "chorão". Antes do jogo, Bebeto declara em entrevistas que é um profissional e que não hesitará em marcar gols contra o Flamengo (código moderno). Diz também adorar a torcida do Flamengo e ter certeza de que ela compreenderá seu lado profissional e não o hostilizará. É como se Bebeto estivesse aqui, pedindo à torcida de seu ex-clubes que agisse com profissionalismo. Porém, quando entra em campo, ouve o velho coro de "bebê chorão", desta vez acrescido de "traidor": é a torcida do Flamengo (como já era esperado: código tradicional).

O jogo começa. Bebeto tem um péssima atuação, descontrola-se durante o jogo e acaba expulso de

Porém, quando entra em campo, ouve o velho coro de "bebê chorão", desta vez acrescido de "traidor": é a torcida do Flamengo (como já era esperado: código tradicional).

campo. Sai do estádio sem dar entrevistas, protegido pelos seguranças do Vasco. Os jogadores do Flamengo dizem que ele estava transtornado em campo (JB, 06/11/90, caderno de esportes: 1). O Flamengo vence por dois a zero, a torcida sai feliz com a vitória, reverenciando o até então desconhecido Bujica, jovem camisa 9 do Flamengo (a mesma que Bebeto costumava vestir), autor dos dois gols da vitória e que ao final da partida já era conhecido como o "carrasco do Vasco" (JB, 06/11/90, caderno de esportes: 1).

É extremamente revelador notar como a visão mais profissional do jogador de futebol esbarra na mentalidade essencialmente amadorística dos torcedores. Por isso, o fato de Bujica ganhar bem menos que Bebeto foi fundamental para que os torcedores do Flamengo se sentissem de "alma lavada" com a vitória: "com um minguado salário de Ncz\$ 1 mil⁶, Bujica conseguiu o que Bebeto - com um faturamento 20 vezes maior - ficou devendo: uma presença marcante dentro da área" (JB, 06/11/89, caderno de esportes: 1). Algumas semanas após o jogo, vários carros da cidade estampavam em seus vidros o seguinte adesivo: "Bujica 2 a 0, o Caçador de Marajás".

Não menos importante foi também o fato de que dois remanescentes do time do Flamengo de outras épocas - Zico e Júnior - estavam em campo. O talento, a experiência, a humildade e o amor dos dois pelo Flamengo foram enfatizados: "Setenta e um anos de talento levaram o Flamengo à vitória de 2 a 0 sobre o Vasco, na festa de ontem à tarde no Maracanã... Foi uma lição de humildade aplicação e movimentação... Os jogadores do Flamengo, Zico e Junior à frente, saíram do túnel em passo lentos e caminharam, cabeças baixas, até o lado onde estavam seus torcedores... Foi uma aula de futebol dos dois veteranos ídolos do

6 Equivalente na época a menos de cem dólares.

É extremamente revelador notar como a visão mais profissional do jogador de futebol esbarra na mentalidade essencialmente amadorística dos torcedores.

7 Cabe ressaltar que "vontade" e "determinação" remetem tanto ao código profissional quanto à importância da garra e "amor à camisa", elementos fundamentais ao lado mais romântico e tradicional do esporte. Mas neste contexto, esses termos parecem privilegiar este lado do esporte. Esta observação é confirmada nos comentários do colonista João Saldanha sobre a partida: "O Flamengo foi mais amador na partida e estava se sentindo mordido. Mordeu a bola e o Vasco esteve sempre excessivamente profissional. Muito frio na parada" (JB, 06/11/89, caderno de esportes: 1).

8 Desde então, a trajetória de Bebeto, com sua transferência para o Desportivo La Coruña, da Espanha, parece ter arrefecido as paixões. A transferência de Romário - ex ídolo vascaíno - para o Flamengo, no princípio de 1995, viu algumas tímidas tentativas na mídia de reacender a polémica, que contudo não ganhou qualquer espaço relevante. Um dado talvez explique isto: Bebeto transferiu-se diretamente do Flamengo para o Vasco, enquanto Romário parece ter tido sua "aura" vascaína diluída nas passagens pela Holanda e Espanha.

Flamengo" (JB, 06/11/90, caderno de esportes: 3). E nas palavras de Zico recupera-se, como que em oposição ao discurso profissional, **moderno**, do milionário time do Vasco, o discurso mais amador, mais romântico, mais **tradicional** do futebol: "O Flamengo é alegria. Precisávamos resgatar isso. É importante sentir orgulho em disputar um Flamengo X Vasco. Quantos não queriam estar no Maracanã? Então é preciso ter satisfação, vontade e determinação. Mas também alegria, jogar futebol" (JB, 06/11/90, caderno de esportes: 3).⁷

O final desse "drama", onde paixão e razão se interrelacionam freqüentemente, não podia deixar de ser diferente: apesar do sentimento de vingança que permeou a mente dos torcedores do Flamengo antes e durante a partida, fica subjacente também após a vitória, o desejo de trazer Bebeto de volta ao clube. É como se ele tivesse demonstrado não ser um traidor ao não conseguir jogar bem contra o Flamengo. Por isso, alguns líderes de torcida começam a fazer planos para trazer o jogador de volta ao fim de seu contrato com o Vasco: é o projeto "Volta Bebeto".

5- Considerações Finais

Por que tamanho escândalo em torno da transferência de clube de um jogador de futebol? Por que tanta mobilização dos meios de comunicação de massa e da opinião pública, com direito a notícias de primeira página nos principais jornais do país?

O caso Bebeto dramatiza algumas das questões fundamentais da cultura brasileira, condensando a oscilação entre um modelo de mundo herdado de uma tradição de hierarquia, de relação entre pessoas, e um projeto modernizante de construção de um país de indivíduos, com relações igualitárias. Neste sentido,

enquanto personagem das manchetes de jornais, Bebeto é também personagem de um mito, de uma narrativa que expressa tensões e ambigüidades da sociedade que a produz. E é por se reconhecer nessa história que a sociedade a discute, se envolve com ela, tornando-a um escândalo.

Por ser escândalo, o caso Bebeto transforma-se também numa forma de ritual, num espaço em que se manifestam questões fundamentais da sociedade brasileira, que ao discuti-lo discute e revela-se a si mesma. É como disse Clifford Geertz a respeito da briga de galos balinesa: "É uma história sobre eles que eles contam a si mesmos".⁹

Ao abordar a questão do esporte como um "drama" social a sociologia do esporte encontra uma outra via para demonstrar a relevância, neste caso específico, da compreensão do futebol para a discussão da sociedade brasileira, e desta disciplina em geral para a inclusão do fenômeno esportivo no rol dos temas "nobres" das ciências sociais.

9 Ver Geertz, Clifford - *A Interpretação das Culturas - Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Para uma análise dos escândalos de opinião pública em torno de crimes passionais como momentos rituais, ver Coelho, Maria Claudia - "Rituals, Scandals and Sex Crimes: Attempted Rape-Murders Across Two Generations", in Hess, D. e DeMatte, R. (eds.) - The Brazilian Puzzle - New York, Columbia University press, 1995.*